

## **O BNDES e a expansão do capitalismo brasileiro: corporações e setores privilegiados – Parte 1**

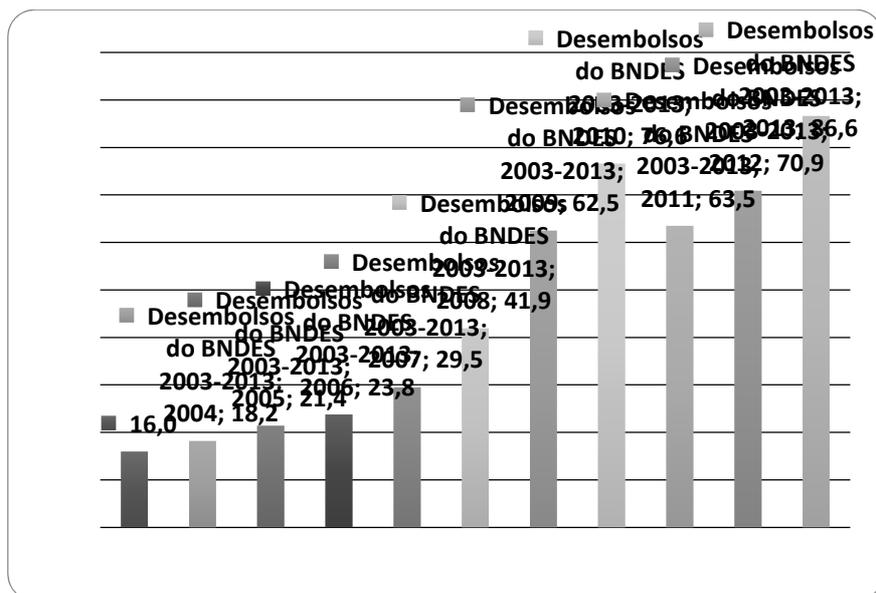
(\*) João Roberto Lopes Pinto

### **Introdução**

Quais setores e corporações privilegiados pela atuação do BNDES? Embora este seja um tema já bastante debatido, há ainda uma carência de levantamentos mais sistemáticos sobre o perfil da carteira do Banco. Certamente, isso pode ser creditado à pouca transparência do BNDES. O esforço aqui é o de levantar e sistematizar, a partir dos dados disponibilizados pelo Banco em seu site, quais setores e corporações privilegiados pela atuação do BNDES. O presente trabalho está dividido em duas partes, sendo esta primeira focada na atuação do Banco no ambiente doméstico. Na segunda parte, o estudo se volta para os setores e corporações beneficiados pelas diferentes formas de apoio do BNDES à internacionalização de empresas brasileiras.

Como se sabe, de 2003 a 2013 o BNDES mais que quintuplicou os seus desembolsos (Gráfico 1). Embora durante todo o período os desembolsos fossem crescentes, chama a atenção que após a crise financeira de 2008 houve uma elevação ainda maior dos aportes do Banco. Isso se explica pelas seguidas transferências do Tesouro Nacional, voltadas à capitalizar o Banco, sob o argumento da promoção de políticas anticíclicas para fazer frente à crise. Tais operações, realizadas a partir da venda de títulos da dívida pública, remunerados pelo Tesouro a 11%/ano, são repassados ao BNDES, sob uma remuneração de 5%/ano, caracterizando um subsídio direto do Tesouro para o caixa do Banco. De 2008 a 2013, o Tesouro já repassou o montante de US\$ 147,4 bilhões.

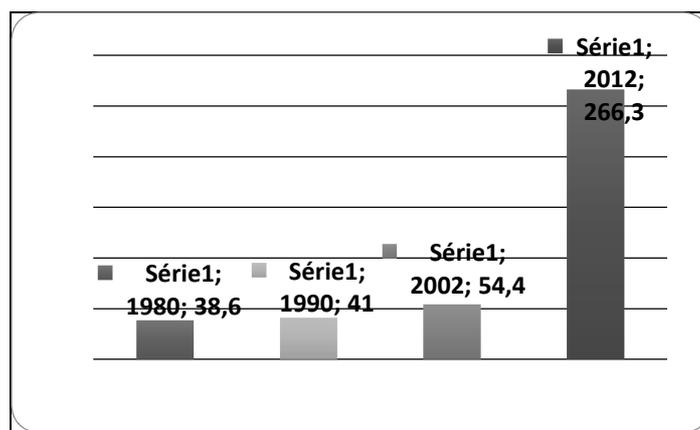
**Gráfico 1- Desembolsos do BNDES 2003-2013  
(em US\$ bilhões)**



Fonte: Desempenho 2013 – BNDDES<sup>1</sup>

Outro dado que chama bastante a atenção diz respeito à evolução, na última década, dos investimentos brasileiros no exterior. Conforme os dados constantes do Gráfico 2, o estoque do investimento direto no exterior quase quintuplicou no período. Nos anos 90, o estoque do investimento direto brasileiro crescia, em média, US\$ 1 bilhão/ano, já entre os anos 2002 e 2012, o estoque de IDE cresceu, em média, o equivalente a mais de US\$ 20 bilhões/ano.

**Gráfico 2 – Evolução do estoque do Investimento Brasileiro Direto no Exterior (em US\$ bilhões)**



Fontes: UNCTADSTAT e Banco Central do Brasil<sup>2</sup>

<sup>1</sup>[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDDES/bndes/bndes\\_pt/Institucional/Relacao\\_Com\\_Investidores/Desempenho](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Relacao_Com_Investidores/Desempenho).

Todos os links aqui indicados foram acessados em finais de maio de 2014.

<sup>2</sup><http://www4.bcb.gov.br/rex/cbe/port/cbe.asp> e <http://unctadstat.unctad.org/TableViewer/tableView.aspx>

Embora diversos fatores concorram para esta rápida e acentuada expansão do capitalismo brasileiro, trata-se, com efeito, de uma mudança no padrão de acumulação capitalista no País. O contexto das privatizações e liberalização econômica dos anos 90 concorreu para a consolidação de grupos econômicos de caráter monopolista, que se habilitam como *global players* em busca de novos mercados para a ampliação de seus investimentos e sua acumulação – alavancados ainda mais pela forte demanda, em especial, do mercado chinês na última década.

Com a crise do modelo de “substituição de importações” nos 80 e a liberalização econômica dos 90, assiste-se à afirmação de grupos econômicos na América Latina, seja pela incorporação de patrimônio público via privatizações, seja pela abertura de novos mercados, alimentando processos de internacionalizações de empresas, as chamadas “translatinas” ou “multilatinas”. Ademais, como a presença das multinacionais na América Latina se concentrou no setor de manufaturados (automotivo e eletrônicos), a formação dos grupos econômicos na região acabou se deslocando para o setor de serviços e *commodities*<sup>3</sup>.

Importante resgatar, no caso brasileiro, o papel desempenhado pelo BNDES como gestor do Plano Nacional de Desestatização nos anos 90, bem como o principal financiador e sócio dos consórcios vencedores dos pregões das privatizações. Segundo estudo do próprio BNDES, o total de recursos envolvidos nos processos de fusões e aquisições nos anos 90, incluindo aí aquisições através das privatizações, foi superior a US\$ 140 bilhões<sup>4</sup>.

Não por acaso os grandes grupos privados nacionais consolidam posições exatamente nos setores anteriormente sob o comando do Estado, notadamente de indústria pesada, insumos básicos, bancos, infra-estrutura e energia, além dos setores onde já possuíam força a exemplo da construção civil e agroindústria. Como veremos em seguida, os setores e grupos econômicos historicamente beneficiados pelo BNDES são, em boa medida, os mesmos que empreendem, novamente com o apoio do Banco, a internacionalização dos investimentos brasileiros no exterior, particularmente nos setores de *commodities* e infra-estrutura<sup>5</sup>.

Todavia, como os dados aqui também irão demonstrar, a multinacionalização de empresas brasileiras foi deliberadamente fomentada pelo Estado na última década<sup>6</sup>. Antes disso, os principais movimentos de internacionalização foram feitos pelas próprias empresas. Crescentemente, entretanto, a questão tem assumido destaque na pauta do governo, e um sinal dessa mudança estratégica tem sido o apoio, via BNDES, à formação de grandes grupos nacionais, por meio de fusões e aquisições<sup>7</sup>.

---

<sup>3</sup>SCHNEIDER, B. R. “A comparative political economy of diversified business groups, or how states organize big business”. In: *Review of International Political Economy*. MIT/Routledge, 16: 2, 178-201, 2009.

<sup>4</sup>SIFFERT, N. e SILVA, C. S.. *As Grandes Empresas nos Anos 90: Respostas Estratégicas a um Cenário de Mudanças*. Rio de Janeiro: BNDES, 1999.

<sup>5</sup> Para uma discussão sobre o papel do BNDES na reorganização do capitalismo brasileiro nas duas últimas décadas ver um outro trabalho nosso: PINTO, João R. L. *et alli*. O BNDES e a reorganização do capitalismo brasileiro: um debate necessário. In: *Os Anos Lula: um balanço crítico 2003-2010*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2011.

<sup>6</sup> Este será o foco da Parte 2 deste estudo.

<sup>7</sup> Alem, A. C.; Madeira, R. (2010). *O BNDES em um BRASIL em Transição. Internacionalização e Competitividade: A importância da criação e empresas multinacionais brasileiras*. BNDES; p. 39-58.

## Sobre os setores mais beneficiados pelo BNDES

Para efeito de identificação dos principais setores beneficiados pela atuação do BNDES recorreremos, inicialmente, a dois caminhos. De um lado, partimos da análise dos dez maiores projetos, em volume de crédito contratado pelo Banco com empresas (públicas ou privadas) para cada um dos anos de 2008 à 2013. O ano de 2008 é aqui tomado como linha de base pelo simples fato de que o BNDES somente fornece informações sobre sua carteira de projetos a empresas contratados a partir daquele ano.

Tratam-se dos dez maiores projetos anuais, compreendendo tanto as operações diretas e indiretas. Como o BNDES não possui rede bancária, ele atua de forma direta apenas em operações acima de US\$ 9 milhões. O Banco também atua de modo indireto por uma rede de agentes financeiros nacionais e estrangeiros credenciados. No caso das operações indiretas não há limites mínimos ou máximos de valores.

A soma total dos sessenta projetos, compreendendo os dez maiores para os seis anos estudados, corresponde a um montante de US\$ 92,3 bi, que representa 23% do total desembolsado entre 2008 e 2013, pelo BNDES (US\$ 401,8 bi).

Como se pode ver pela Tabela 1, apenas cinco setores – petróleo e gás; energia; telecomunicações; mineração; alimentos e bebidas – concentram 85% dos recursos. Caso tomemos apenas os dois primeiros – petróleo/gás e mineração – o montante é de 62%.

**TABELA 1 – Distribuição setorial dos dez maiores projetos a empresas em volume contratado pelo BNDES para os anos de 2008 a 2013 – operações diretas e indiretas**

Setor	No. de Projetos	Valor Contratado (US\$ milhões <sup>8</sup> )	Percentual sobre o desembolso total
Petróleo e Gás	10	33.889	37%
Energia (Hidroeletricidade)	10	23.437	25%
Telecomunicações	7	8.154	9%
Mineração	9	7.395	8%
Alimentos e Bebidas	6	5.546	6%
Papel e Celulose	3	3.642	4%
Indústria Naval	4	2.582	3%

<sup>8</sup> US\$ 1,00 = R\$ 2,20

<b>Indústria Automotiva</b>	3	2.220	2%
<b>Aeroportos</b>	2	1.581	2%
<b>Rodovias</b>	2	1.173	1%
<b>Poliduto (Etanol)</b>	1	799	1%
<b>Ferrovia</b>	1	744	0,8%
<b>Saneamento</b>	1	614	0,7%
<b>Indústria Farmacêutica</b>	1	487	0,5%
<b>Total</b>	60	92.263	100%

Fonte: Elaborado a partir das operações diretas e indiretas do BNDES<sup>9</sup>

Outro caminho seguido foi o de identificar a distribuição setorial da carteira de participações do BNDESPAR, subsidiária integral do BNDES, responsável pelas aplicações do Banco em ações e participações. As atividades operacionais da BNDESPAR estão totalmente integradas ao BNDES, sendo executadas principalmente por meio da Área de Mercado de Capitais (AMC) e da Área de Capital Empreendedor (ACE). A AMC concentra as atividades de renda variável relacionada a grandes empresas, enquanto a ACE responde pelas atividades de renda variável relacionadas a operações diretas com pequenas e médias empresas e operações indiretas por meio de fundos fechados de investimentos.

O BNDESPAR fechou o ano de 2013 com uma carteira de ações compreendendo 141 empresas, totalizando US\$ 33 bilhões. Tal como acontece no caso das operações de crédito, as participações do Banco se concentram majoritariamente nos setores de Petróleo e Gás e Mineração, que juntos representam 56% da carteira do BNDESPAR (ver Tabela 2). Se agregarmos os setores de Energia Elétrica, Papel e Celulose, Alimentos e Bebida, chegaremos a 86% da carteira.

**TABELA 2 – Distribuição setorial da Carteira de Investimentos da BNDESPAR, a valor em 31 de dezembro de 2013**

<b>Setor</b>	<b>Ações (em US\$ milhões)</b>	<b>Acões (em %)</b>
<b>Petróleo e Gás</b>	11.213	34.0%
<b>Mineração</b>	7.090	21.5%
<b>Energia Elétrica</b>	3.661	11.1%

<sup>9</sup>[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes\\_pt/Institucional/BNDES\\_Transparente/Consulta\\_as\\_operacoes\\_do\\_BNDES/](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/BNDES_Transparente/Consulta_as_operacoes_do_BNDES/). Agradecimento aos pesquisadores Bruna Pregizer e Christian Suttmoller, que fizeram a compilação e o tratamento da base de dados das operações diretas e indiretas disponíveis no site do BNDES.

Papel e Celulose	3.166	9.6%
Alimentos / Bebidas	3.133	9.5%
Logística e Transporte	989	3.0%
Telecomunicações	594	1.8%
Siderurgia e Metalurgia	560	1.7%
Bens de Capital	560	1.7%
Bens de Consumo	33	0.1%
Outros	1.979	6.0%
<b>Total</b>	<b>32.978</b>	<b>100%</b>

Fonte: Relatório de Administração do BNDESPAR<sup>10</sup>

### Sobre as principais corporações beneficiadas pelo BNDES

A fim de identificar as corporações mais beneficiadas pelo BNDES partimos, igualmente, dos maiores beneficiários das operações de crédito do Banco e da carteira de ações do BNDESPAR. Além destas informações, levantamos também empresas cujos conselhos de administração contam com a presença de representantes do corpo diretivo do BNDES.

Ao analisar as principais empresas beneficiárias do crédito do BNDES, conforme a Tabela 3, evidencia-se, por óbvio, que se tratam daquelas que possuem suas principais atividades nos setores acima destacados. Ao mesmo tempo, as 20 maiores beneficiárias concentraram o equivalente a 21% de todo o volume desembolsado pelo Banco no período 2008-13.

**TABELA 3 – Vinte maiores beneficiários dos financiamentos do BNDES (operações diretas e indiretas) no período de 2008 a 2013**

Cliente Final (setor)	CNPJ do Cliente Final	Total (em US\$ milhões)
PETROLEO BRASILEIRO S/A – PETROBRAS (petróleo e gás)	33000167000101	21.480
NORTE ENERGIA S/A (energia)	12300288000107	11.540
VALE S/A (mineração)	33592510000154	6.226

<sup>10</sup>[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/empresa/download/RelatAdmBpar1213.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/empresa/download/RelatAdmBpar1213.pdf)

<b>REFINARIA ABREU E LIMA S/A (petroquímica)</b>	0 9474270000109	<b>4.495</b>
<b>PETROBRAS NETHERLANDS B.V. (petróleo e gás)</b>	77700001121388	<b>4.490</b>
<b>TIM CELULAR S/A (telefonia)</b>	4206050000180	<b>4.178</b>
<b>TELEMAR NORTE LESTE S/A (telefonia)</b>	33000118000180	<b>3.800</b>
<b>SANTO ANTONIO ENERGIA S/A (energia)</b>	9391823000160	<b>3.693</b>
<b>TRANSPORTADORA ASSOCIADA DE GÁS S/A (petróleo e gás)</b>	6248349000123	<b>2.905</b>
<b>ELETOBRAS TERMONUCLEAR S/A - ELETRONUCLEAR (energia)</b>	42540211000167	<b>2.794</b>
<b>ENERGIA SUSTENTAVEL DO BRASIL S/A (energia)</b>	9029666000147	<b>2.181</b>
<b>JBS S/A (alimento)</b>	2916265000162	<b>2.177</b>
<b>SUZANO PAPEL E CELULOSE S/A (papel e celulose)</b>	16404287000155	<b>2.082</b>
<b>BRASKEM S/A (petroquímica)</b>	42150391000170	<b>1.940</b>
<b>VIVO S.A. (telefonia)</b>	2449992000164	<b>1.378</b>
<b>MARFRIG ALIMENTOS S/A (alimento)</b>	3853896000140	<b>1.318</b>
<b>AMBEV (bebida)</b>	2808708000107	<b>1.279</b>
<b>ELDORADO CELULOSE E PAPEL LTDA (papel e celulose)</b>	7401436000131	<b>1.273</b>
<b>COMPANHIA PETROQUIMICA DE PERNAMBUCO- PETROQUIMICA SUAPE (petroquímica)</b>	7986997000140	<b>1.266</b>
<b>OSX CONSTRUCAO NAVAL SA (indústria naval)</b>	11198242000158	<b>1.253</b>
<b>TOTAL</b>		<b>81.748</b>

Fonte: Elaborado a partir das operações diretas e indiretas do BNDES

Importante chamar a atenção para o fato de que os dados sobre os principais clientes do Banco revelam apenas parcialmente quem são as corporações mais beneficiadas. Isso porque, muitos dos clientes, embora com personalidades jurídicas próprias, integram um mesmo grupo econômico. Um exemplo disso é o caso da Petrobras que figura na Tabela 3 com duas identidades jurídicas: PETROLEO BRASILEIRO S/A e PETROBRAS NETHERLANDS B.V.

Há também o caso de clientes que se constituem em consórcios, que reúnem diferentes empresas, a exemplo dos consórcios no setor de energia: NORTE ENERGIA S/A – constituído

pela Vale, Cemig/Light, Eletrobras e pelos fundos de pensão da Previ, Petros e do Funcef<sup>11</sup> –, SANTO ANTONIO ENERGIA S/A – composto por Odebrecht, Cemig, Andrade Gutierrez, Furnas – e ENERGIA SUSTENTAVEL DO BRASIL S/A – formado por GDF Suez, Eletrobras, Camargo Correa, Mitsui. Ou no caso das Refinarias Suape e Abreu Lima, ambas controladas pela Petrobras. Além disso, a maioria destas empresas listadas possui em sua estrutura societária outras empresas como suas controladoras<sup>12</sup>. A exemplo da Braskem, gigante da petroquímica, controlada pela Odebrecht (majoritária) e Petrobras; da Transportadora Associada de Gás, controlada pela Petrobras; da Vale controlada também pelo Banco Bradesco e pela Previ; ou, ainda, da Eldorado Celulose e Papel, controlada pelo Grupo JBS, maior exportador de proteína animal do mundo<sup>13</sup>.

Importante também destacar a atuação do BNDES na formatação e apoio a processos de fusões e aquisições, particularmente no contexto pós-crise de 2008. Caso emblemático da atuação do BNDES no sentido de uma ainda maior centralização de capitais no País foi a compra da Sadia, que havia perdido dinheiro na crise dos derivativos americanos, pela Perdigão, constituindo a Brasil Foods (BRF), outra gigante no setor de alimentos. Outro foi o da aquisição da Aracruz pela Votorantim, criando a Fibria, conglomerado no setor de papel e celulose. O próprio Grupo JBS, foi apoiado pelo Banco na compra da Bertim e, como veremos mais adiante, na aquisição da americana Pilgrin's. Já a Braskem adquiriu, em 2010, a Quattor, tornando-se a maior no setor de petroquímica. Há ainda o exemplo da fusão das duas maiores empresas de telefonia de capital nacional, a Oi e Telemar, bem como a posterior aquisição pela Portugal Telecom do Grupo Oi/Telemar.

Ao se analisar a composição da carteira de ações do BNDES, conforme a Tabela 4, constata-se uma grande coincidência entre as empresas que recebem os maiores investimentos do BNDESPAR com aquelas que contam com maiores financiamentos do Banco. Por sua vez, as vinte empresas com maiores investimentos representam 88% do total da carteira do BNDESPAR.

**TABELA 4 – Vinte maiores investimentos do BNDEPAR por empresa**

<b>Empresa (setor)</b>	<b>Participação no Capital Total em 31.12.2013</b>	<b>Valor em US\$ milhões</b>
<b>PETROBRAS (petróleo e gás)</b>	10,4%	10.518

<sup>11</sup> Tratam-se dos fundos de pensionistas de empresas estatais ou públicas, como no caso da Previ, do Banco do Brasil; da Petros, da Petrobras; e do Funcef, da Caixa Econômica Federal. Constituem-se nos maiores fundos de pensão do país, com ativos totais de US\$ 135 bilhões, em 2013.

<sup>12</sup> Os dados sobre a estrutura societária das empresas, envolvendo controladoras e controladas, estão disponíveis no portal [www.proprietariosdobrasil.org.br](http://www.proprietariosdobrasil.org.br), produzido pelo Instituto Mais Democracia em parceria com a Cooperativa Educação, Informação e Tecnologia para a Autogestão.

<sup>13</sup> Odebrecht, Camargo Correa e Andrade Gutierrez constituem-se, por sua vez, nas três maiores empresas brasileiras no ramo da construção pesada, com atuação diversificada para além de energia, compreendendo telefonia (Andrade Gutierrez); etanol, saneamento, petroquímica (Odebrecht); e mineração, calçados e comércio (Camargo Correa). Como veremos, elas estão, com destaque para a Odebrecht, entre as empresas privadas com maior atuação fora do país, juntamente com a Vale.

<b>VALE (mineração)</b>	5,1%	4.349
<b>JBS (alimento)</b>	23,6%	2.634
<b>FIBRIA (papel e celulose)</b>	30,4%	2.034
<b>COPEL (energia)</b>	24%	1.373
<b>BRASILIANA (energia)</b>	53,9%	922
<b>CPFL (energia)</b>	6,7%	560
<b>SUZANO (papel e celulose)</b>	11,7%	542
<b>ELETRONBRAS (energia)</b>	11,9%	470
<b>KLABIN (papel e celulose)</b>	8,7%	444
<b>GERDAU (siderurgia)</b>	3,4%	437
<b>BRASKEM (petroquímica)</b>	5%	382
<b>EMBRAER (aviação)</b>	5,4%	342
<b>GRANBIO (etanol – biocombustível)</b>	15%	272
<b>AMÉRICA LATINA LOGÍSTICA – ALL</b>	12,1%	246
<b>TUPY (siderurgia)</b>	28,2%	237
<b>LIGHT (energia)</b>	10,3%	211
<b>RENOVA (energia)</b>	12,1%	204
<b>VIGOR (alimento)</b>	31,4%	190
<b>MARFRIG (alimento)</b>	19,6%	184
<b>TOTAL</b>		26.551 (87,6%)

Fonte: Demonstrações Financeiras Padronizadas – BNDEPAR<sup>14</sup>

Sobre as vinte maiores empresas da carteira do BNDEPAR importa fazer alguns destaques: a Vigor integra o Grupo JBS. A CPFL é controlada pelo Grupo Camargo Correa. A Fibria é controlada pelo Grupo Votorantim, gigante também no setor de cimento e mineração. Controladora da Renova, a Light é controlada pela Cemig, que, por sua vez, é controlada pelo Governo do Estado de Minas Gerais e pelo Grupo Andrade Gutierrez. Já a Tupy é também controlada pela Previ. A ALL, maior empresa ferroviária do Brasil, está sob o controle da

<sup>14</sup>[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/empresa/download/1213\\_BNDESPAR\\_DFP.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/empresa/download/1213_BNDESPAR_DFP.pdf)

Cosan, maior do País na produção do etanol e que, em 2011, estabeleceu uma *joint venture* com a Shell, constituindo a Raizen.

Nos termos do próprio Banco “a carteira de participações societárias é composta por empresas coligadas, sobre as quais a BNDESPAR exerce influência significativa, e por outras empresas em que não existe influência”<sup>15</sup>. As coligadas seriam aquelas em que o Banco possui participação total igual ou maior do que 15%. Tal definição deve ser, contudo, melhor ponderada, por duas razões. De um lado, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), responsável pela regulação do mercado de ações no País considera como participação relevante o controle igual ou maior do que 5% sobre ações ordinárias. De outro, a diretoria do BNDESPAR, que se confunde com a diretoria do próprio BNDES, possui assentos em conselhos de administração de empresas coligadas e não coligadas.

Segundo consta do próprio Relatório Administrativo do BNDESPAR, em 31 de dezembro de 2013, o BNDESPAR possuía representantes em 13 Conselhos Fiscais e 40 Conselhos de Administração no universo de 141 empresas em que mantinha participação acionária. Adicionalmente, possuía Acordo de Acionistas em 75 dessas empresas<sup>16</sup>.

Com base nos dados levantados pela organização Repórter Brasil através do portal “Eles Mandam” (<http://reporterbrasil.org.br/elesmandam/>) podemos identificar os conselhos de administração de empresas em que existe participação dos membros da diretoria do BNDES (Tabela 5)<sup>17</sup>. Como se pode constatar, as participações societárias do BNDESPAR se traduzem em participação do Banco na gestão de políticas operacionais e financeiras de empresas (coligadas ou não coligadas). Certamente, a presença dos membros da diretoria nos conselhos de administração sinaliza uma aproximação ainda maior do Banco no caso das empresas listadas: Petrobras, Vale, Eletrobras, Oi/Telemar, Light, JBS/Friboi, Fibria, Copel e Brasken.

**TABELA 5 – Participação de membros da diretoria do BNDES em conselhos de administração de empresas<sup>18</sup>**

<b>Membros da Diretoria</b>	<b>Função</b>	<b>Empresas/Conselhos de Administração</b>
<b>Luciano Galvão Coutinho</b>	Presidente	VALE; PETROBRAS
<b>Wagner Bittencourt de Oiveira</b>	Vice-Presidente	ELETROBRAS

<sup>15</sup>[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/empresa/download/RelatAdmBpar1213.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/empresa/download/RelatAdmBpar1213.pdf)

<sup>16</sup> Exemplos destes acordos, são os casos das empresas Brasileira e Fibria em que o BNDESPAR, possuindo a maioria acionária, abre mão do controle em benefício de sócios minoritários. Entre as 30 maiores transnacionais estatais – baseada no valor dos ativos estrangeiros –, a UNCTAD cita as brasileiras Vale e Petrobras.

<sup>17</sup> A referida base de dados foi produzida a partir de pesquisa nas 100 maiores empresas do País, nos 50 maiores grupos econômicos e nos dez maiores fundos de pensão, no período de setembro a outubro de 2013.

<sup>18</sup> Apenas no caso de um membro da diretoria, Luiz Eduardo Melin de Carvalho e Silva, Diretor de Comércio Exterior e Internacional, não foi possível identificar vinculações com conselhos de empresas.

<b>Fernando Marques dos Santos</b>	Diretor de Recursos Humanos	OI/TELEMAR
<b>Guilherme Narciso de Lacerda</b>	Diretor de Infraestrutura Social; Meio Ambiente e Agropecuária	LIGHT
<b>João Carlos Ferraz</b>	Diretor de Planejamento	JBS/FRIBO <sup>19</sup>
<b>Júlio Cesar Maciel Ramundo</b>	Diretor de Mercado de Capitais (do BNDESPAR) e Indústria	FIBRIA
<b>Maurício Borges Lemos</b>	Diretor Administrativo e Financeiro	COPEL
<b>Roberto Zurli Machado</b>	Diretor de Infraestrutura e Insumos Básicos	BRASKEM

Fonte: Repórter Brasil (<http://reporterbrasil.org.br/elesmandam/>)

Há também casos de representações cruzadas entre representantes do Conselho de Administração e Fiscal do BNDESPAR com conselhos de outras empresas. A exemplo dos conselheiros Ricardo Schaefer, do Conselho de Administração do BNDESPAR e que é membro também do Conselho de Administração da ALL; e de Lísio Fábio de Brasil Camargo, do Conselho Fiscal do BNDESPAR e membro do Conselho de Administração da Neenergia, uma das controladoras do Consórcio Norte Energia, responsável pela Usina Hidrelétrica de Belo Monte<sup>20</sup>.

(\*) Coordenador do Instituto Mais Democracia e Professor da Escola de Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

<sup>19</sup> Esta informação não consta do site da Repórter Brasil e foi levantada, diretamente, no site da JBS:

<http://jbss.infoinvest.com.br/static/ptb/conselho-de-administracao.asp?idioma=ptb>

<sup>20</sup> O estudo será concluído na Parte 2.